



# Blumenau

*em cadernos*

TOMO X



JUNHO DE 1969



Nº. 6

CANTO DOS COOPERADORES

ESTA PUBLICAÇÃO PODE SOBREVIVER  
GRAÇAS À GENEROSA CONTRIBUIÇÃO  
DOS SEGUINTE COOPERADORES:

*Fábrica de Gazes Medicinais Cremer S/A.*

*Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.*

*Indústrias Têxteis Comp. Hering S/A.*

*Artefatos de Tecidos "Artex" S/A.*

*Dr. Henrique Hacker — Blumenau.*

*José Sanches Júnior — S. Paulo.*

*Prefeitura Municipal de Blumenau.*

*Companhia de Cigarros Souza Cruz*

*Empreza Industrial Garcia S/A.*

*Arthur Fouquet — Blumenau.*

*Eletro Aço Altona S/A.*

# Blumenau

## em Ladernos

TOMO X - ★ JUNHO DE 1969 ★ - N.º 6

## BLUMENAU E A SUA IMPRENSA

### II

### O "IMMIGRANT"

O segundo órgão da imprensa blumenauense surgiu, nesta então Vila, em abril de 1883, quando o primeiro, o "Blumenauer Zeitung", ia já no terceiro ano de publicidade.

A campanha promovida, por êsse último jornal, contra a atuação da Comissão de Engenheiros, chefiada pelo Dr. Antunes que, segundo se dizia, cometia excessos e irregularidades no trato com os colonos, prejudicados pela grande enchente de 1880 e na reparação dos danos causados às estradas, pontes e outros bens públicos, deu origem a grandes ressentimentos entre os amigos daquele engenheiro. Êste também soubera conquistar simpatias, principalmente entre os adeptos do Partido Liberal que, pouco antes, havia assumido o poder no Império. O "Blumenauer Zeitung" e o seu grupo eram ligados ao Partido Conservador. Dessarte, os ataques à Comissão Antunes descambaram, facilmente, para o terreno político. Quase todos os funcionários públicos tinham sido escolhidos nas fileiras liberais: Paulo Schwartzner, Elesbão Pinto da Luz e outros começaram a aparecer na crista dos acontecimentos e das manobras políticas. Guilherme Friedenreich, que se tornara sogro do Dr. Antunes, com o seu prestígio de um dos imigrados, fundadores da Colônia, de homeopata e de parteiro, que, incontestavelmente, pelo seu trabalho, pelas suas iniciativas e pela sua inteligência, dera assídua e leal cooperação ao Dr. Blumenau, concorrendo, de modo muito eficiente, para o desenvolvimento da sua empresa, conquistara, para a causa do genro e dos liberais, muitos amigos, entre os quais o sábio Fritz Müller. Êste, anteriormente, pelas colunas do "Blumenauer Zeitung" combatera vivamente os trabalhos da Comissão, fazendo côro com os demais conservadores. Não se sabe bem porque se bandeara para o outro lado. É possível que a amizade que o ligava a Friedenreich, que era, também, entomólogo, tivesse concorrido para isso.

Formara-se, assim, um grupo que, dos simples comentários em rodas diárias, passou a pensar seriamente na maneira de fazer frente aos constantes ataques do órgão conservador, fundando um nôvo jornal. Bernardo Schei-

demantel, proprietário de uma excelente oficina de litografia e tipografia prontificou-se a editar o jornal.

E, realmente, em abril de 1885, surgia o primeiro número do "Imigrant". Era um jornal bem feito, aberto em três colunas de página, formato 32 x 45 cm. trazendo no cabeçalho, além do título em caracteres de 2,5 cm. de alto, os seguintes dizeres: "Wochenblatt für die Interessen der Bevölkerung des Itajahy Gebietes und dessen Besiedlung". (Semanário dedicado aos interesses da população da região do Vale do Itajaí e das suas colônias"). Editor Bernardo Scheidemantel. Aparece tôdas as quartas feiras e custa 7\$000 por ano e 4\$000 por semestre. Fora do município 8\$000. Pagamento adiantado. Ataques pessoais não serão levados em consideração. Número avulso 160 réis. As assinaturas podem começar com qualquer número. As remessas de dinheiro, cartas, etc. podem ser dirigidas ao editor. Os anúncios pagarão, por linha, ou seu espaço, 100 réis e devem ser apresentados, o mais tardar, até as segundas-feiras à tarde. Publicações a pedido, 200 réis por linha. Publicações de interesse geral, grátis. Para a Alemanha, assinatura 18 marcos; para a Áustria-Hungria, 10 Fl., para a Suíça, 22 francos e para a América do Norte 4 dólares". Isso tudo, naturalmente, no idioma alemão em que era redigido todo o jornal. Trazia, geralmente, um suplemento de duas páginas com variedades, anúncios, literatura, etc. As quatro páginas principais eram destinadas aos noticiários, sempre muito amplos, do exterior, do país e locais. Redigiam o jornal, além de Bernardo Scheidemantel, Fritz Müller e Paulo Schwartzler. Guilherme Friedenreich foi o seu redator-chefe desde a fundação até que Scheidemantel assumiu êsse posto.

Infelizmente pouco mais poderemos, agora, adiantar sôbre a existência dêsse também brilhante órgão da imprensa blumenauense de vez que a coleção, que existia no Arquivo Municipal, foi inteiramente destruída no incêndio de 1958. Na Biblioteca Estadual também êle não existe integrando a valiosa coleção de jornais antigos, do Estado, que enriquece aquela Casa de Cultura.

Podemos, compulsando o órgão rival, o "Blumenauer Zeitung", daquela época, é aquilatar do grande calor e da agressividade que caracterizaram a longa campanha entre os dois paladinos.

Scheidemantel, que era homem de opinião e de austeros princípios, depois dos primeiros anos de publicação do jornal, vivia desgostoso com essas lutas, que para mais nada serviam que exasperar os ânimos dos políticos das duas facções e lançar a semente da discórdia, dos desentendimentos entre a própria população do município.

Tal descontentamento agravou-se com o surgimento, em 1891, de séria contenda entre membros da Comunidade Evangélica sôbre o assunto da alteração dos estatutos comunais. O pastor, com grande número de membros, queria a adesão da Comunidade ao Conselho Supremo da Igreja Prussiana. Para isso havia necessidade de mudanças nas diretrizes até então seguidas. Diversas dessas mudanças seriam até radicais e importavam na alteração de formas confissionais,

Das discussões nas reuniões e na Assembléia Geral então convocadas, o assunto transvasou para as colunas dos jornais e para acêsos e violentos comentários de rua. Guilherme Scheefer batia-se pela inovação, assinando artigos em que alinhava os motivos que aconselhavam a reforma, enquanto

Fritz Müller, em outros escritos, contestava essas razões, quase sempre de maneira sarcástica, empregnada de ateísmo.

Scheidemantel procurou por todos os meios manter o seu jornal longe dessa luta que apaixonara, realmente, a população, na sua grande maioria protestante, do município. Muitos, entretanto, dos principais interessados na reforma dos estatutos comunitários, que faziam parte da organização do "Immigrant", não satisfeitos com a prudente atitude do fundador do jornal, quiseram forçá-lo a mudar de orientação.

Grandemente desgostoso com o fato, Scheidemantel resolveu acabar definitivamente com a sua publicação.

Assim, depois de oito anos de vida muito ativa, eivada de dificuldades e lutas, o "Immigrant" deixou o seu contendor, o "Blumenauer Zeitung" sózinho no campo jornalístico blumenauense. O desaparecimento do jornal se deu em abril de 1891.

Bernardo Scheidemantel, seu criador, era natural da Alemanha, onde nascera a 3 de dezembro de 1834. Imigrou em Blumenau em 1859. Viera com seus pais que se estabeleceram na Estrada do Salto.

Bernardo adquiriu um lote de terras na margem direita do Itajaí Açú, em Belchior, dedicando-se à lavoura até 1876. Era entretanto exímio desenhista e um hábil litógrafo. Resolveu, pois, deixar a vida rural e adquirir um lote urbano na sede da Colônia onde montou uma oficina. Esta ficava no mesmo local em que ainda hoje se encontra, como sucessora, a filial da Impressora Paranaense, à Rua Alvin Schrader.

Era homem instruído, dotado de boa veia humorística e, segundo se sabe, mantivera correspondência com o grande humorista alemão Guilherme Busch, cujo livro, "Max und Moritz", traduzido para o português pelo nosso Olavo Bilac, também fez aqui no Brasil grande sucesso. Espírito honesto, bem orientado, não pactuava com as injustiças.

Dotado de verdadeiro espírito comunitário, afeiçoara-se a Blumenau, participando, ativamente, da sua vida intelectual, social e política, mantendo sempre moderada altivez que o impunha ao respeito e à estima dos amigos e conhecidos.

De 1888, até pouco antes do seu falecimento, começou a fazer cuidadosas observações meteorológicas diárias, que publicava nos jornais locais com exemplar regularidade.

Scheidemantel faleceu a 18 de outubro de 1908, no mesmo ano em que também morrera Hermann Baumgarten, o fundador do "Blumenauer Zeitung". Os padecimentos que resultaram na sua morte foram longos e cruéis, mostrando-se êle, entretanto, de heróica resignação.

Morreu aos 74 anos de idade.

---

---

A canalização da água potável, em Itajaí, foi inaugurada a 11 de junho de 1897, durante o governo do Dr. Hercílio Pedro da Luz.

# ARQUIVOS EM FOCO

Sebastião CRUZ

Sôbre quem (brancos) primeiro percorreu as veredas das serras catarienses, para ligar, via Trombudo, o litoral com os campos de Lajes e Curitibaños.

"BLUMENAU EM CADERNOS" - n.º. 3, Tomo X, março de 1969 - fls. 58, sob o título "A Estrada Blumenau - Curitibaños" informa que "o Capitão Pinto desceu com 25 homens, da Colônia Militar Santa Tereza, o Rio do Sul, parte de canoa e parte a pé, até o seu entroncamento com o Rio do Oeste e, depois, caminhando pela margem direita do Itajaí Açu, veio ter, em 1857, à sede da Colônia Blumenau. O Capitão Pinto, que era comandante do Corpo de Batedores de Mato da Província, e os seus homens; foram, assim, os primeiros homens brancos de que nós temos notícia, a pôr pé nas terras do atual município de Rio do Sul e da sua sede."

O Almirante Henrique Boiteux, em sua brochura "Os Municipios de Tijucas Grandes e Pôrto Bello" - Edição 1928 - Liv. Central - Florianópolis - fls. 22 - no Capitulo V - Veredas, Caminhos e Estradas, - disse: - "Em 1841, no intuito de facilitar a entrada de gado no distrito de Pôrto Bello e conhecer os terrenos e praticabilidade de uma comunicação pela serra do TROMBUDO, entre aquela sede e a estrada que de Lages descia ao litoral, em frente à capital, pôz-se em marcha nas cabeceiras do Perequê uma partida sob a direção de ANASTÁCIO PEREIRA; devido, porém, às grandes chuvas, teve que regressar, falhando assim a tentativa."

A abertura das veredas e caminhos aos campos de Lajes e Curitibaños, por TROMBUDO - "a estrada que de Lages descia ao litoral, em frente à capital", já existia, como se vê da citação acima do Almirante Boiteux - era uma constante dos Governos daquela época, a começar pelo Governo da Província, cujo Presidente Marechal Antero José Ferreira de Brito enviou officio, ao Presidente da Câmara de Pôrto Belo, constante do arquivo da mesma Câmara de officios recebidos, protocolado sob n.º. 953, estando o officio datado de 20 de Junho de 1846, no qual se lia: - "O Capitão João de Amorim Pereira (muito conhecido e popular, o Capitão Amorim residia no Distrito de São João Batista das Tijucas Grandes, então Município de São Miguel, era Inspetor da Colônia do Príncipe Imperial Dom Afonso - hoje Nova Trento - cujas terras lhe pertenciam, tendo doado ao Governo para instalar a citada colônia) falou-me respeito a uma exploração do Tijucas ou Ribeirão do Braço, ao Caminho do TROMBUDO para Lages; eu o animei a que fizesse esta exploração e nisso ficou para à vista d'ella poder-se então emprehender, ou fazer um caminho tão necessário e útil a êsse Município."

"Eu desejava e de muito maior vantagem seria, que se pudesse descobrir e explorar huã boa verêda, começando dessa villa ao dito Rio do Braço, para facilitar por terra a comunicação, com a Colônia tão longe por via do mar." (o Presidente referia-se à Colônia Dom Afonso - Nova Trento - que da Capital ou de Pôrto Belo era atingida por mar e via Rio Tijucas, então navegável até a dita Colônia por chalanas (perua) e canoas. Assim tam-

bém ocorria com o Rio Itajaí Açu que era a única via de ligação da Vila de Itajaí com as Colônias do médio Itajaí até Gaspar e, anos depois Blumenau, que o mesmo Presidente da Província, dois meses antes, ou seja, em 18 de Abril de 1846 - do mesmo arquivo de ofícios recebidos, n.º 965 - os ofícios eram arquivados na ordem de recebimento mas numerados ao final, na ordem inversa - oficiou ao mesmo Presidente da Câmara de Pôrto Belo, mandando encarregar ao cidadão José Henriques Flôres, da abertura da estrada pela margem do Itajahy, mandando entregar-lhe ferramentas e algum dinheiro e devendo contar, nesta empreza, com o auxílio do Comandante da Companhia de Pedestre Henrique Etur.) Continuando o Of. de 20-6-1846, Protocolo n.º 953 - o snr. Presidente da Província, solicitava, ainda, do Presidente da Câmara de Pôrto Bello que colhesse informações e desse opinião a respeito da exploração da vereda pelo Rio do Braço - Trombudo - Lages.

Também a Camara de Pôrto Belo, em seu Relatório de 29 de Dezembro de 1849, dirigido à Câmara dos Deputados (Livro de Registro da mesma Câmara, n.º. 5, fols. 29 à 33) no item 8 relata os projetos e dificuldades para alcançar os campos de Lajes e Curitiba: - "8 - De tôdas as obras públicas que mais podia trazer prosperidade, era, sem dúvida alguma, a abertura d'uma estrada que partisse das Cabeceiras do Rio Perequê Grande à Villa de Lajes; esta idéia não é nova. Já em 13 de Janeiro de 1842, foi pela Câmara antecessora, levada à consideração da Assembléia, assim como continuou a ser em 1848 e 1849. Todos os Têrmos desta Província, a excepção da Capital (sic), presentemente estão servidos desta via de comunicação interior, só êste Município, por desdita ou mau fado, ainda jaz submergido na mesquinha miséria d'abandono; orphão da Província em breve desaparecerá do catalogo de suas villas e para isso caminha a pessoas acelerados (sic). Tendo Pôrto Bello em si, o melhor dos Portos da Província falta-lhe os vehiculos por onde a lavoura se augmenta com facilidade transportando com segurança os gêneros do mercado. Esta falta de via de comunicação territorial ocasionou a constantemente serem combatidos e perseguidos pelos Indígenas, os lavradores dêste território que continuamente assustados e à borda do precipício, nada fazem e muito d'elles tem desamparado bellos e prazenteiros estabelecimentos agricolas. Os vastos sertões d'este Município (note-se que na ocasião, 1849, o Município de Pôrto Bello abrangia todo o Vale do Itajaí,) são os mais férteis de tôda Província, porém o abandono em que se achão por não serem explorados e povoados, nada d'elles se aproveita, principalmente as planices do extenso e soberbo Rio Itajahy que como o mais possante da Província disputa a primazia de todos os elementos de riqueza que em si encerra".

Mas voltemos ao que mais informa o Almirante Henrique Boiteux - obra e local citados: - "No ano de 1856 êsse mesmo cidadão (Anastácio Pereira), tendo convencido com alguns negociantes de Tijucas na abertura de uma picada do Alto Tijucas á várzea da Raiz da Serra cortada pela estrada de Lages, pôz-se em trabalhos. Tendo, porém, na factura da picada seguido muito para o norte, desviou-se dêste modo, da melhor linha; voltando depois ao sul para procurar a várzea dos Pinheiros e seguir d'ahi para a Raiz, tornou a picada muito extensa. Para evitar êste rodeio, preconizava o Presidente da Província um auxílio de 500\$000" (hoje NCr\$ 0,50).

"Concluida ella em mais ou menos vinte léguas, o próprio empresário, por dificuldades, não se atreveo a metter por ella uma ponta de

gado; não obstante a isto se ter comprometido com os habitantes de Tijucas preferio descer pela serra do **Cubatão** e costear o litoral."

"É tradição entre os antigos habitantes de que posteriormente Anastácio Pereira, partindo do Ribeirão do Lageado, afluente do Braço do Tijucas, embrenhando-se com os mesmos mateiros, entre elles Fellippe Sestreim, depois de longas jornadas, pelo pinheiral acima, encontrou um rio, **Boa Esperança**, que, em parte, corria subterrâneamente e que, mais tarde, havia esbarrado em alta e ingreme penedia por onde lhe foi impossível encontrar vereda. Já sem mantimentos e desalentados, estavam dispostos ao regresso, quando lhes appareceu uma anta - tapir. Em persiguição de tal animal, que lhes vinha providencialmente fornecer-lhes alimento de que tanto necessitavam, correram todos."

"É sabido, por experiência de nossos caçadores, que a trilha da anta é o melhor guia para quem busca veredas em mattas fechadas e em terreno montanhoso; é, por isso, por elles chamada o **engenheiro das selvas** e por ella seguindo fôra, dar à entrada de uma enorme gruta. Nella penetrando foram ter, com espanto de todos, ao **planalto que tanto buscavam**."

"Estava realizado a almejado fim! A tenacidade de Anastácio Pereira havia vencido. E pelo mesmo caminho de regresso, fez passar uma ponta de gado, de vinte cabeças."

Temos que **Anastácio Pereira** se antecipou ao Capitão Pinto, pelas veredas apontadas, indo aos Campos de Lajes e Curitibanos, voltando com uma ponta de gado de vinte cabeças, para suprir ao então já bastante povoado Vale de Tijucas e Pôrto Belo. Conta ainda o Almirante H. Boiteux que por essa trilha foram buscar gado, em anos seguintes, Fellippe Sestreim (companheiro de Anastácio Pereira da primeira viagem) e com êle João da Cunha, João Surdo, Paulo Schwartz e outros, mas não encontraram mais o tal tunel natural em que passava o rio.

É preciso observar que o destino que tais veredas deviam alcançar - os campos de Lajes e Curitibanos, pelo Trombudo - era um só, sendo dois os locais de onde partiam, ou sejam, do Vale do Tijucas e do Vale do Itajaí, sendo que do primeiro passava para o Vale do Itajaí, onde atingia o Trombudo. Para atingir a estrada de Lajes-Capital, como é referido, só seguindo pelo Rio do Sul ou lá em cima mesmo, nos Índios, pois a picada por Angelina mandou o Presidente da Província que fôsse aberta em 1867-1868 (obra citada de H. Boiteux, fls. 24). Assim a vereda que partia do Vale do Tijucas, do Alto Braço devia seguir por Vidal Ramos (citando as denominações atuais) Lontras ou Ituporanga, Rio do Sul para atingir Trombudo e ir aos campos. Aliás é o caminho que mais tem sido usado, pelas tropas de gado o que desce para o Vale do Tijucas, com uma variante descendo de Vidal Ramos pelo Vale do Itajaí Mirim, em razão do grande movimento das estradas do Vale do Itajaí e a de Lajes à Capital.

Contudo, Anastácio Pereira, não foi o primeiro. É ainda o arquivo da Câmara de Pôrto Belo, que esclarece quem primeiro varou as trilhas para os campos de Lajes e Curitibanos, como a seguir transcrevemos do Livro 6, as fls. 26v. á 27v. item 4 - Relatório da Câmara dirigido ao Presidente da Província, datado de 14 de Fevereiro de 1854: -

"4 - **ESTRADA PÔRTO BELLO - LAJES** - ja explorada daria glórias imortais quem a iniciasse. Ja tem havido quem sahido d'este lugar



(Pôrto Belo,) foi ter aos campos de Boa Vista, apesar do grande sacrifício de sua saúde e risco da própria vida, porque não se havendo preparado para tão ousada empreitada se arriscando as consequências d'inesperadas e tristes aventuras. O Alferes Antônio Francisco de Carvalho e José Joaquim Taveira (hoje falecido) – sic – foram os primeiros que tiveram a dita de percorrerem êsses alegres campos e montanhas de matos, digo e montanhas admiráveis de riquezas e fertilidade de matos tão pavorosos; elles melhor poderiam descrever o que virão; o que presenciaram e o que passaram por êsses incognitos desertos; elles sahiram nos campos da Boa Vista quasi mortos de fome, aonde encontraram um couro que devoraram a mor parte com satisfação e bom apetite: mas com prazer de haverem conquistado eterna glória que a fama já mais nunca deixará de publicar. Êste corajoso e prestimoso cidadão se atreve a levar a effeito a empresa começada, mediante, tão sòmente, a pequena quantia de hum conto e duzentos mil reis (hoje, NCr\$ 1,20) para ser aplicada nas despezas dos trabalhos que se prestarem a factura de hua picada que facilite o trânsito para qualquer cargueiro seguir até o sobredito logar da Boa Vista – o mais fará o tempo. Oxalá que V. Exia. não se torne indifferente do quanto aqui temos manifestado no intuito de que esta pouca exposição de tão gigantesca empresa, merecerá a digna e mui valioza protecção de V. Exia. em um feito que se tornará saliente nos annaes da Historia d'esta sempre destitosa e mal fadada Província."

BLUMENAU EM CADERNOS, no n.º 2 do Tomo 7 transcreveu a carta de Alexandre Büerger, no qual êsse menciona "a epopéia em que se constituiu a marcha do Capitão Pinto acima referida, vindo da colônia Militar de Santa Tereza nas cabeceiras do Rio do Sul e, seguindo o curso dêsse e do Itajaí Açu veiu ter a Blumenau, então um povoado de uma centena de habitantes", isto em 1857, sôbre o que a mesma publicação fêz nova referência no n.º 4 do mesmo Tomo, fl. 74, resaltando que esta epopéia "foi a primeira tentativa séria de estabelecer um caminho que ligasse a Colônia Blumenau ao planalto. "Pelo que transcrevemos verifica-se que as tentativas para alcançar o planalto, se bem que não foram feitas visando o suprimento do Vale do Itajaí e sim do Vale do Tijucas, partiram de Pôrto Belo e Tijucas desde 1941, sendo alcançados os objetivos, como vimos, em 1854, pelo Alferes Antônio Francisco de Carvalho e José Joaquim Taveira e em 1856, por Anastácio Pereira e Fellippe Sestrein, vindo então em 1856 a descida da serra pelo Capitão Pinto, da Colônia Militar de Santa Tereza com destino à Blumenau.

"ARQUIVOS EM FOCO" visa sòmente colaborar com a preciosa publicação de assuntos históricos como é BLUMENAU EM CADERNOS, para melhores esclarecimentos dos fatos e acontecimentos de nossa história, pretendendo continuar contando sempre com a boa acolhida da simpática e magnífica publicação dirigida e redigida por José Ferreira da Silva.

---

A iluminação, a querozene, da cidade de Itajaí, foi inaugurada a 1.º de janeiro de 1895. Em comêços de 1906 tentou-se mudar o sistema para a iluminação a alcool, conforme propusera o sr. Edgar von Buettner. Entretanto, como isso importaria numa despesa de 4 contos de réis anuais, permaneceu o antigo método.

## O PRIMEIRO BLUMENAUENSE BACHAREL EM DIREITO

Neste ano de 1969, em dezembro, completam-se sessenta anos de formatura do primeiro advogado blumenauense. Trata-se do Dr. Guilherme Abry, nascido em Salto Weissbach, subúrbio desta cidade, a 3 de abril de 1886. Filho do Coronel Luiz Abry, Guilherme passou a sua infância na terra natal, onde cursou a escola primária.

Num lamentável acidente, ocorrido nos seus folguedos de menino, o pequeno Willy, como era tratado, teve uma perna fraturada. Todos os recursos médicos a que se recorreu neste país, foram baldados, tendo, então seu pai resolvido levá-lo à Alemanha.

Sob a vigilância de especialistas, Guilherme permaneceu naquele país, durante seis anos consecutivos residindo na cidade de Helmstedt, onde fez o curso ginasial.



Nos seus 83 anos de idade, no gozo de merecida aposentadoria, o Desembargador Guilherme Abry pode orgulhar-se do seu passado de magistrado operoso e reto.

Curitiba, naquele tempo, estava em moroso desenvolvimento, longe dos outros centros populosos do Estado, a êstes ligado por péssimas vias de comunicação. Por aí bem se pode imaginar quão difícil e mesmo perigosa foi a missão confiada ao jovem magistrado. Numa Comarca, onde o conforto mal havia chegado, que não havia ainda saído de um período dos mais angustiantes da nossa história, que foram a inglória campanha do Contestado e a lufa dos fanáticos, teve o Dr. Abry que valer-se de toda a sua prudência e cautela para administrar justiça com equilíbrio, sensatez e energia ao

Regressando ao Brasil, ingressou em ginásio da cidade de Pôrto Alegre, onde completou o curso clássico, depois do que transferiu-se para a Faculdade de Direito de São Paulo, onde, depois de brilhante currículo acadêmico, bacharelou-se em dezembro de 1909. Foram seus companheiros de turma outros quatro ilustres catarinenses: O Dr. Nereu Ramos, que chegou a presidente da República; o Dr. Leopoldo Diniz Júnior, brilhante homem de letras; o Dr. Alfredo Luz, também advogado e intelectual de renome e o Dr. Alfredo von Trompowski que, como o Dr. Abry, chegou aos mais altos postos na magistratura de Santa Catarina

Já no ano seguinte ao de sua formatura, Guilherme Abry foi nomeado Promotor Público de Tubarão, onde permaneceu por apenas 5 meses, pois fôra transferido para Biguaçu e, em 1912, para a Comarca de Itajaí. Em fins de 1913, foi nomeado Juiz de Direito, com provimento na Comarca de Curitiba, cargo que assumiu em janeiro de 1914.

mesmo tempo.

O moço juiz viveu, naquela Comarca, dias bem aventureiros e amargos. Teve, até, em virtude de um ataque dos jagunços à Vila de Curitiba, de abandonar a sua residência, e montado numa mula, fazer o longo trajeto até a capital do Estado para pôr as autoridades ao corrente da situação em que se achava a sua Comarca.

Ao regressar à sua casa, encontrou-a incendiada pelos fanáticos, juntamente com tudo que continha. Perdeu tudo, inclusive a sua grande biblioteca, completamente destruída pelo fogo.

Em 1917, após o acôrdo na secular Questão de Limites entre o Paraná e Santa Catarina, foi criada a Comarca de Mafra. Como justo prêmio à sua dedicação, à sua integridade e à sua capacidade, o Dr. Abry foi nomeado seu primeiro juiz e designado para instalar a nova circunscrição judiciária.

Aí, como juiz sempre respeitado e estimado, o Dr. Abry permaneceu por quinze anos seguidos, cabendo-lhe presidir e julgar vários processos oriundos ainda da malfadada Campanha dos fanáticos durante a qual, de parte a parte foram cometidos excessos e crimes de tôda sorte.

Em 1932 foi transferido para a Comarca de Joinville onde, como na de Mafra, demonstrou grande competência e amor à missão de que fôra investido.

Três anos depois, foi nomeado membro do Superior Tribunal de Justiça do Estado. Como desembargador da nossa mais alta côrte judiciária, o Dr. Guilherme Abry continuou sendo o julgador operoso e justo que sempre fôra, desde que iniciara a sua árdua, mas meritória carreira.

Como presidente do Tribunal Eleitoral do Estado, coube-lhe presidir as primeiras eleições após a queda da ditadura e diplomou o governador Adherbal Ramos da Silva, eleito naquela ocasião.

Presidiu, igualmente, e por dois biênios, o Tribunal de que era ilustre membro. Na presidência dessa alta Côrte de Justiça, pôde mostrar as suas grandes qualidades de homem sereno, modesto e simples, sem, contudo, deixar de impôr sempre a sua personalidade marcante de juiz verdadeiramente justo.

Aposentou-se em 1956, quando contava 70 anos de idade. Continuou residindo na Capital do Estado onde adoeceu, tendo de recolher-se ao Hospital São Sebastião. Entretanto, como a maior parte de seus parentes, irmãos, cunhados e sobrinhos residissem aqui, em Blumenau, o Desembargador Abry veio para esta cidade, internando-se no Hospital Santa Catarina, onde ocupa um dos apartamentos e onde pode permanecer sob as vistas de seus dedicados médicos e os cuidados e o carinho de seus parentes e amigos.

Na sua longa enfermidade, que o retém ao leito, o Desembargador Abry mostra-se conformado, não perdendo nunca a resignação e a conformidade com os desígnios da Providência, tão necessárias na sua dolorosa situação.

Na oportunidade em que o Desembargador Abry completa o seu 60º. aniversário de formatura, nós os de "Blumenau em Cadernos" não poderíamos deixar de prestar uma homenagem muito cordial e muito sincera a êsse juiz blumenauense, que honrou os postos que ocupou e que sempre, desde o aparecimento desta publicação, nos distinguiu com o seu apoio e a sua solidariedade.

Blumenau inteiro se congratula com êsse seu destino filho e leva-lhe os seus parabéns e os seus votos muito sinceros e ferventes de restabelecimento e de constante prosperidade,

# REMINISCÊNCIAS

*H. P. Zimmermann*

Uma das cousas que muito se cultivou em minha terra, nos idos tempos de minha infância, foi a conservação das velhas tradições populares, o que se manifestava de maneiras várias. A diversidade étnica da população, marcava também a diversidade folclórica. Assim tivemos em Gaspar, ao lado dos cantores de *Lieder* dos descendentes de alemães, cantados em coros que eram formados por amadores do canto, danças populares, como sejam o fandango, a chamarrita e outras mais, que eram guardadas com carinho e frequentemente dançadas em reuniões nas casas, especialmente nos sítios rurais. Nestas exibições populares destacava-se uma tradição que veio para o Brasil, trazida pelos açorianos.

Sabemos, que nos tempos que se seguiram à descoberta do Brasil, o povoamento do solo foi uma das grandes preocupações da coroa portuguesa. Queria ela, com isto, preservar o Brasil da conquista por outros povos. É que, naquela época, o Brasil constituía uma prêsa muito cobiçada pelos francêses, espanhóis e outros povos europeus. Já no ano 1552, conforme nos relata Bias Fortes, o Professor português Diogo de Gouveia, o então Reitor da Escola de Santa Bárbara, em Paris, escrevia ao rei de Portugal: "Cohnheço bem as pretensões dos francêses, de se apoderar do Brasil, por isto, várias vêzes eu me permiti dizer a V. Magestade, as minhas opiniões a respeito do povoamento do Brasil. . . conseguindo-se estabelecer no litoral do país

sete ou oito pequenas colônias, os homens que nelas forem localizados, defenderão a terra e não permitirão que fôrças estrangeiras della se apoderem. . ." O sábio conselho foi acatado pela coroa portuguesa e, conseqüentemente fez-se a primeira tentativa de um povoamento com famílias açorianas. Calcula-se, que apesar das múltiplas dificuldades de bem executar o plano do povoamento, já em 1752 residiam aproximadamente 6.700 açorianos em Santa Catarina, todos espalhados em pequenos núcleos no litoral do Estado.

Pois bem, também em Gaspar havia numerosos descendentes de açorianos. Trouxeram êles para Gaspar, as suas tradições trazidas dos Açores pelos seus antepassados e as cultivavam com amor e com carinho. O folclore açoriano era rico e colorido e além da chamarrita e do fandango, nêle destacava-se a apresentação anual do Boi-de-mamão. Mandava a tradição, que êste auto fôsse representado dentro de casa e em geral os que dêle participavam ou apresentavam, percorriam as casas vizinhas em primeiro lugar, depois as da cidade, onde lhes eram servidas bebidas e alguma coisa para comer. No tempo de minha infância, em Gaspar, o Boi-de-mamão pouco entrava nas casas, porém, ficava frente às mesmas ou nos terreiros.

Normalmente, no espaço de tempo que medra entre o comêço de Dezembro até fim de Janeiro, em Gaspar o Boi-de-mão apresentava-se quase tôdas as noites, caso não chovesse. Já muito tempo

antes, ouvia-se o vozerio dos ensaios das canções que acompanham esta apresentação. Partiam da margem esquerda do rio, onde residiam em maior número os descendentes de açorianos, que ali se haviam localizado logo depois da chegada dos primeiros colonos alemães. Recordo-me bem de tudo que estava ligado à preparação para a "saída" do Boi-de-mamão e de sua apresentação na cidade. Era eu, porém, naquela época, ainda muito jovem, por isso não me foi possível fixar em minha mente, todos os detalhes desta promoção folclórica, especialmente desconhecia eu o significado dos diferentes "bichos" que a integravam. Por isto, na descrição que dela faço, baseio-me num interessante estudo do ilustrado Professor Fernando Corrêa de Azevedo, Diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica do Paraná e ex-Diretor da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Estudou êle de perto o Boi-de-mamão na Colônia Maria Luiza, povoada de colonos vindos do litoral de Santa Catarina. Confesso, que o estudo do eminente Professor Azevedo avivou em minha memória, muitos dos aspectos típicos do Boi-de-mamão que conheci em Gaspar e que, no decorrer dos anos, eu já havia esquecido.

Os participantes do auto do Boi-de-mamão, eram sempre gente de condições sociais modestas, pequenos lavradores, pescadores e operários, o que não impedia, que sempre fôssem bem recebidos pelas famílias da cidade, quando se apresentavam com o Boi-de-mamão. Todos os participantes desta promoção vestiam roupagem própria, geralmente predominando a cor branca e vermelha, por serem "côres que aparecem mais", como diz o Professor Azevedo em seu

citado estudo.

Ainda baseado neste estudo e porque o que se apresentava em Gaspar era em tudo semelhante ao Boi-de-mamão da colônia Maria Luiza, com a devida permissão do ilustre autor dêsse trabalho, farei aqui a descrição do auto, que naqueles longínquos tempos lá conheci:

O Boi-de-mamão em Gaspar, geralmente se apresentava com todos os bichos e personagens que, de acôrdo com a tradição, deviam participar dêste auto e que eram os seguintes: o Vaqueiro, o Brincador, o Pai Mateus, o Cavaleiro (também chamado de Laçador), o Doutor, o Boi, o Barão, a Bernunça (ou Brenunça, como diziam alguns) o Velho, a Velha, o Cavalinho, o Carneiro e a Mariola, todos também citados pelo Prof. Azevedo em seu citado trabalho.

O Vaqueiro era o chefe da turma, o ensaiador do auto, o responsável pela festa, o patrão do bloco. Usava roupas especiais, para distingui-lo das outras figuras. Trazia à cabeça um alto chapéu de pano, enfeitado com fitas coloridas. Com um bastão batia no chão, acompanhando o ritmo da música, enquanto puxava os solos do canto.

O Brincador ficava abaixado sob a armação do Boi, papêl difícil de ser representado, por ser muito penosa a posição e assim ter de se movimentar bastante.

O Pai Mateus brincava e pulava atrás do Boi. Era uma espécie de palhaço, com roupas remendadas e um pano no pescoço. Usava bengala e máscara e, quando falava, alterava a voz, para não se dar a conhecer. Quatro figuras usavam máscaras: o Pai Mateus, o Doutor, o Velho e a Velha e todos falavam com voz de falsete.

O Cavaleiro ia montado no Cavalinho. O Doutor, a quem cabia a parte cômica do auto, era sempre recebido com risadas e usava vestuário que provocava hilariedade. Era sempre aguardado com ansiedade e interesse, por causa da jocosidade que provocavam suas atitudes e suas palavras.

O Boi era assim constituído: a cabeça era uma autêntica caveira de boi, com chifres e tudo. O tronco era formado por uma armação de varas, tôda coberta por um pano branco, que se alongava até o chão. Sôbre o pano estavam pintadas manchas pretas: no lugar dos olhos eram presos com linha dois vagalumes e o rabo era de pano. O Brincador ficava escondido dentro do pano, sustentando nas costas tôda a armação.

O Barão (parece ser uma corruptela de tubarão) era um bicho medonho, enorme, sob o qual trabalhavam dois homens. Tinha uma boca descomunal, capaz de engulir uma pessoa. A armação da boca era de madeira, coberta de pano branco por fora e vermelho por dentro, com duas faixas pretas cruzadas na parte superior. Os dentes, visíveis em todo o comprimento da boca, eram de pano recortado. Os olhos eram pintados com tinta preta.

O corpo do bicho não tinha armação de madeira. Era só pano preso à cabeça e de tamanho capaz de encobrir dois homens. O monstro tinha aspecto terrível, pois era coberto de barba de pau pregada no pano.

A Bernunça (parece ser uma corruptela de abrenuntio) é a fêmea do Barão, mas era de menor tamanho do que êste e encobria apenas um homem.

O Velho e a Velha não tinham papel especial no bloco. Acompanhavam-no usando máscaras e

voz de falsete.

O carneiro era igualmente feito com uma caveira de carneiro e uma armação semelhante à do Boi, mas de tamanho menor.

O Cavalinho era pequeno, em comparação com o Boi. A cabeça era feita de madeira, forrada de pano. Tinha também uma armação coberta de pano, com uma abertura no lombo, por onde saia meio corpo de cavaleiro. Andava pelos pés do cavaleiro.

A Mariola sempre encerrava a brincadeira do Boi-de-mamão. Era um bichinho pequeno e delicado, que atraía as simpatias e era acariciada por todos. De cabeça pequena e olhos de vidro, orelhas grandes e o corpo de pano forrado. O corpo não tinha armação de madeira, mas apenas um pano pregado à cabeça, encobrindo um homem de côcoras. A cabeça estava fixa num pau, que era segurado por um homem, de maneira que ela se movia em todos os sentidos.

Acompanhavam essas figuras especiais do bloco, um número mais ou menos grande de homens vestidos de roupa vermelha e branca. O ato se dividia em diversas cenas, cada qual com música própria, e eram: e cena do Boi, do Barão, da Bernunça, do Carneiro e da Mariola.

A cena do Boi começava com a cantiga do Vaqueiro, que apresentava o Boi cantando os versos seguintes:

Meus senhores que aqui estão,  
Estou aqui para apresentar  
Êste nosso Boi-de-mamão,  
Que foi feito para brincar.  
Eu quero apresentar,  
Que é minha obrigação,  
Um bichinho interessante,  
Chamado Boi-de-mamão.

Seguiam-se numerosas outras estrofes e ao fim de cada uma, o

côro respondia: Eh, boi. Eh, boi. A certa altura o Vaqueiro cantava a ordem para o Boi investir contra o Pai Mateus. Com isto o Boi investia contra o Pai Mateus, dava-lhe uma valente chifrada derrubando-o espetacularmente no chão. Depois disto, o Vaqueiro dava ordem para o Boi deitar.

Deitado o Boi, o Vaqueiro e o bloco deixavam de cantar. Os músicos entoavam então alguns versos, chamando o Cavalinho para trazer o Doutor. Enquanto ainda cantavam, entrava o Cavalinho, trazendo o Doutor na garupa. O Cavalinho saía de cena e a música e o canto paravam. Agora falava o Doutor. Começava, queixando-se do cavalo, perguntava se tinha dinheiro para pagar a consulta e depois examinava o doente, que continuava estendido no chão. A cena do Doutor, era uma cena cômica por excelência e atraía a atenção de todos. O Doutor mexia com um e com outro, fazia perguntas e dizia tolices. Os assistentes soltavam piadas, davam palpites sobre a doença de Pai Mateus, participando ativamente da cena. O Doutor fazia apreciações sobre o doente, dizia que o bicho era feio, que tinha treze doenças e que era muito difícil rebater tudo. Perguntava se o doente estava doente há meses. Abria um livro, que dizia trazer todas as doenças e remédios e lia atentamente. Com suas atitudes, provocava constantes risadas dos assistentes. Finalmente fazia um montinho de pólvora no chão, acendia-o e o Pai Mateus se levantava no meio de um clarão e uma nuvem de fumaça, enquanto os presentes, fingindo susto, corriam e gritavam.

Recomeçava então a música e o canto e o Vaqueiro dava ordem ao Boi para se levantar. O Boi se levantava e começava a

investir contra os presentes, até que o Vaqueiro dava ordem para o Cavalinho entrar e o cavaleiro laçar o Boi. Reaparecia na cena o Cavalinho e começava a ser atacado pelo Boi, que contra êle investia, até que era laçado e puxado para fora.

Seguia-se depois a cena do Barão, amedrontando todo o Mundo. Ameaçava com a bocarra os presentes, mordendo a cabeça de um e o braço de outro, ameaçava engolir um terceiro, pondo tudo em polvorosa, sempre acompanhado pela Bernunça, que secundava os seus gestos.

O Carneiro entrava na cena e parecia não ver o Barão e a Bernunça. Corria de um lado para outro, sempre ameaçado pelos dois monstros, que acabavam avançando contra êle, mas ágil como era, conseguia escapar de ser engolido pelo Barão e retirava-se da cena.

A cena final era a da Mariola. A música e o canto acompanhavam a sua entrada. Ela ia de um lado para outro, coçando-se e catando pulgas nos presentes, sendo afagada por todos, sempre dengosa e mimada. Com a sua saída terminava a apresentação do ato.

Durante toda a minha infância, anualmente eu via os bichos e os cordões do Boi-de-mamão, quando visitavam a cidade e apresentavam o ato em frente a nossa casa. Aliás, em Gaspar, não era comum recebê-los dentro das casas. O ato era apresentado em frente das casas ou nos terreiros. Época houve, em que ninguém gostava de ser visitado pelos cordões do Boi-de-mamão. É que, enquanto as pessoas das casas assistiam à exibição do grupo, ladrões visitavam os galinheiros e até mesmo as dependências das casas, roubavam tudo que encontravam. Quando isto veio a ser conhecido, o

pessoal do Boi-de-mamão revoltou-se contra a suposição de que seriam elementos dêles, que praticavam os roubos. Passaram então a destacar alguns homens dêles para policiar sigilosamente os arredores das casas visitadas. Logo conseguiram descobrir, que eram "penetras" mal intencionados, que praticavam os roubos. Quando conseguiram pegar o primeiro, aplicaram-lhe valente surra, depois do que os ladrões sumiram. Daí em diante tudo normalizou-se novamente e os cordões continuaram a ser bem recebidos e cordialmente tratados, como antes.

Perigosa tornava-se a situação, quando se formavam dois grupos na localidade, ambos pretendendo visitar as casas. Desde que começavam a se organizar escalavam espíões, que tinham a incumbência de averiguar o que se passava nos grupos, o que um e outro grupo preparava de especial, de novo quanto às canções, danças e apresentações, se o grupo rival dispunha de vestuário mais vistoso, etc. Assim, em crescente rivalidade, iam se exercitando e aperfeiçoando, até que era chegado o dia de se apresentar nas ruas. Se não se encontrassem na mesma rua, tudo corria normalmente, mas se ocorria um encontro dos grupos, geralmente acabava em grossa briga. Começava com a investida dos bichos, uns contra os outros, procurando destruir-se mutuamente. Nisto eram protegidos pelos homens que os acompanhavam e que faziam enorme algazarra e, finalmente, acabava com briga geral entre os presentes. Acontecia também, que os componentes de um grupo, na calada da noite penetravam no rancho em que o grupo rival guardava os seus bichos e os destruíam, procurando assim impedir, que o grupo rival se

apresentasse ou lhes fizesse concorrência.

Diz Mário de Andrade, que considerava o Boi-de-mamão o mais nacional dos atos populares. E sobretudo, pelo seu significado social, uma dança dramática verdadeiramente notável. Contudo, ela tende a desaparecer. Onde ela se mantém ainda mais ou menos autêntica, é no litoral, entre os descendentes de açorianos. É porém de supor, que não demorará que o ato desapareça inteiramente dêle só se terá notícia através dos tratados que descrevem o folclore brasileiro. Nossa época altamente mecanizada, já não mais permite a apresentação de cenas românticas e tradicionais, das quais tanto gostavam os nossos antepassados; o Boi-de-mamão já não desperta mais o interesse habitual de tempos atrás e chega até a ser ridicularizado pelos "homens modernos", que não gostam de olhar para trás, mas também não sabem oferecer nada que substitua a beleza dos costumes do passado. É uma pena, que tal esteja acontecendo, porque uma população que esquece as suas tradições, acaba por perder a mais segura base para o desenvolvimento de seu senso de nacionalidade. Por isto aplaudimos calorosamente a realização dos Festivais Folclóricos, que há dez anos consecutivos vêm-se realizado em Curitiba sob os auspícios do Governo do Estado e dos quais participam ativamente todos os grupos étnicos radicados no Paraná. Graças a êstes Festivais, não se perderão de todo, as tradições folclóricas que nos foram legadas pelos nossos antepassados.



# A PESCA DO BAGRE

Merecem acolhida nestas páginas, as considerações que, sobre a pesca do bagre em Itajaí, fez o "Novidades", da vizinha cidade, em sua edição de 6 de setembro de 1908. Como aquêlê orgão de imprensa previa, a pesca do bagre foi, dia a dia, decrescendo de tal forma que, em vista do que foi, ela é quase nula:

"Nós, em Itajaí, também tivemos uma pesca que goza, ou já gozou do seu renome: é a do bagre. Como todos sabem, é o bagre, por causa das suas periódicas migrações de uns para outros mares, um peixe dos chamados do corso.

Vindo do Sul, costuma êle aparecer, aos cardumes, em nossas águas, precisamente na época em que estamos. Encontrando barra de rio, entram para a desova, pois esta é feita na água salobra ou doce. Aqui em Itajaí, por exemplo, sobem êles o Itajaí Açu até onde a água começa a ficar doce, que é nos lugares Volta do Espinheiro e Pedra de Amolar, cêrca de 15 a 20 quilômetros da cidade. É aí o principal teatro da nossa conhecida pesca do bagre.

No tempo do bagre, a sua pesca, o escalamento, a seca, a extração do azeite e demais trabalhos dessa pequena indústria, ocupam inúmeras famílias das margens do nosso rio.

Antigamente, e durante muitos anos, a pesca do bagre era abundante e próspera, e constituia-se, êsse peixe, uma vez sêco, num gênero de comércio donde muitos tiravam lucros, desde o grande negociante daqui, da cidade, e o pequeno da redondeza até os embarcadiços da nossa marinha mercante que, por sua conta, o levavam a bordo dos seus navios, para Rio e Santos, aí o vendiam a muito bom preço. O artigo entrou e acreditou-se nesses mercados.

No Rio, talvez pela sua côr e aspecto encarquilhado, o bagre sêco é, pitorescamente, conhecido por MULATO VELHO. Obtem uma cotação de 8\$ a 10\$000 cada cento.

O azeite, extraído das cabeças do bagre, é empregado como lubrificante de máquinas, e, já tendo constituído artigo de exportação, hoje o que se produz é todo vendido em Itajaí, ou nos municípios vizinhos, acondicionado em latas de querozene e pelo preço dêste último gênero, trocando, geralmente, os pescadores com os negociantes, uma lata de oleo de bagre, por uma de querozene.

Hoje, porém, a pesca do bagre outrora tão próspera, está em plena decadência, com se poderá verificar pelos dados abaixo, assinalando a exportação, pelo pôrto de Itajaí, do bagre sêco, nos últimos três anos:

Ano	Quantidade	Valor
1905	18.000	720\$000
1906	28.000	1:156\$000
1907	10.000	400\$000

Essas cifras não representam, é verdade, a quantidade de bagre pescado, anualmente, em Itajaí, pois o consumo aqui no município mesmo, e principalmente em Blumenau e Brusque, é grande e tem vindo aumentando cada vez mais, todavia provam elas que, longe de crescer proporcionalmente, como era natural a produção está em declínio evidente e tão rápido que faz prever que muito breve não teremos mais aqui essa indústria, uma das mais antigas e características do Itajaí.

A causa da decadência da pesca do bagre é a mesma que fêz desaparecer em Santa Catarina as importantes e florescentes armadas de baleias — a escassez de peixe. Ano para ano, é menor a quantidade do bagre que aflui ao nosso rio. Atribuem os pescadores essa deserção ao movimento de entradas e saídas de navios na nossa barra e da navegação fluvial, cada vez mais intensa e barulhenta, afugentando daqui os cardumes de bagres, que vão procurar outros rios onde, mais tranquilamente, possam passar os meses de desova.

Uma prática criminosa, contra a qual muito se tem reclamado, já existindo mesmo para coibi-la posturas municipais, que não foram executadas com o devido rigor, tem prejudicado também a pesca do bagre. Por ocasião de se retirar êle daqui, pelos meses de janeiro e fevereiro, já levando êles ovos bastante desenvolvidos, muitos pescadores estendem suas rêdes na saída da barra, inutilizando assim, com os bagres, que apanham, milhões e milhões de ovos.

Enfim a pesca de bagre está prestes a acabar entre nós. Com ela, o Itajaí perde uma das indústrias que mais o caracterizam lá fora. E o epíteto de BAGREIROS com que crismaram a nós itajaienses vai daqui a pouco perder a sua razão de ser.

Desapareça, embora, o pobre bagre, daqui expulso pelo bulício da civilização, mas que fique por êle sempre uma simpática lembrança nesta população, em cuja prosperidade êle, de algum modo, colaborou”.

---

---

## — BLUMENAU EM CADERNOS —

*Fundação e direção de J. Ferreira da Silva*

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) NCr.\$ 5,00 —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

**Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil**

## O Povoamento e a Colonização do Alto Rio dos Cedros

Os terrenos que se estendem pelas cabeceiras do Rio dos Cedros, afluente do Benedito e pelas faldas da Serra Geral, nos divisores das águas do Itajaí Açú e do Rio Negro, são de grande fertilidade, abundantes de madeira de lei e erva-mate.

Há sessenta anos atrás, constituíam êles uma região praticamente desconhecida, apenas habitada por uma ou outra família de caboclos que, por ocasião da revolução de 1893, ali se haviam refugiado, vindas dos planaltos do Rio Prêto.

Essas famílias, verdadeiramente nômades, se ocupavam no corte e preparo da erva-mate, em ranchos que adrede preparavam. Mais tarde, alguns paranaenses, interessados nos extensos ervaís da região, conseguiram abrir uma picada até Santa Maria, outro pequeno afluente do Benedito.

Por essa picada é que, pela primeira vez, foi levada erva-mate para o mercado de Timbó, para a casa comercial de Frederico Donner, considerado o fundador dessa cidade. O caminho que os tropeiros tinham que atravessar era para lá de péssimo, mas, mesmo assim, compensava o esforço, pois, em Timbó, êles encontravam gêneros mais baratos que em qualquer outra localidade vizinha.

Avançando sempre mais, essas famílias de caboclos iam se aproximando da zona colonizada de Blumenau. Certa vez, os irmãos Pedro e Antônio Martins dos Santos, numa caçada que empreenderam embrenharam-se de tal forma pelas matas que, de repente, ouviram o cantar de galo, sinal de que havia moradores pelas proximidades. Continuando no rumo de onde vinha aquele canto, saíram na linha do Ribeirão Herta, já povoada com colonos polacos. Alguns dêstes, pensando tratar-se de bugres, fugiram de suas casas.

Entretanto, os dois audaciosos caçadores conseguiram entender-se com o sr. Emílio Wuertz, que era negociante ali, depois de o tentarem inútilmente com outros colonos. Acertaram com o sr. Wuertz a abertura de uma picada entre o Ribeirão Herta e o Alto Rio Cedros. Essa picada, segundo se afirmava, fôra aberta no ano de 1889, pelo agrimensor José Landriani, com o propósito de encontrar uma comunicação de Timbó com o Município de São Bento.

Essa picada, pouco depois alargada às custas da firma Salinger, foi o início das comunicações de Blumenau com a zona de Moema, Lucena e mesmo Canoinhas e Papanduva.

Mais tarde, o sr. Leopoldo Hoeschl contratou com o govêrno do Estado a abertura de um caminho carroçável no rumo dêsse picadão, com o que estabeleceu-se um comércio mais intenso e regular de Timbó e outras localidades com o Alto Rio Cedros e adjacências.

O primeiro que requereu um lote de terra no Alto Rio Cedros e iniciou a colonização naquêle lugar foi o sr. Erwin Schaeffer que atraiu, posteriormente, outros colonos tornando-se o verdadeiro chefe do lugar, usando a sua influência para o seu adiantamento e progresso. Introduziu ali não só as culturas rotineiras, como milho, arroz, feijão, mandioca e outras, como as de centeio, trigo, frutas, etc., de sorte que, em poucos anos, os colonos que se estabeleceram na região já gozavam de relativa prosperidade.

Hoje, é um centro de colonização muito ativa, concorrendo, com uma variada e valiosa produção para o enriquecimento sempre maior do Vale do Itajaí.

# O PITORESCO NA HISTÓRIA

A localidade de Cordeiros situa-se entre a Barra do Rio Itajaí Mirim e o povoado dos Machados, à margem direita do Itajaí Açu.

Essa localidade, segundo fontes autorizadas, tirou o nome de uma família que ali se estabelecera e que até hoje ainda tem representantes. O tronco dessa família fôra um tal Francisco Vieira Cordeiro, ilhéu português, que deixou fama de homem muito rigoroso em tudo e que legou aos seus uma tradição de brio e dignidade.

Nunca ficou devendo algo a alguém. Muitas vêzes, já a meio caminho, voltava à casa para buscar o dinheiro bastante para compras que ia fazer à freguesia quando notava que o que trazia consigo não era suficiente. Não queria, de forma alguma, que seu nome figurasse em borradores de comerciantes, como devedor.

Como homem que se julgava de certa importancia, procedente de lugares mais civilizados que o Itajaí de então, o velho Cordeiro ía, quase todos os domingos, à missa na igrejainha da séde paroquial, sempre enfarpelado numa bela sobrecasaca que trouxera da terra natal. E muitas vêzes a sobrecasaca ia à missa e a festas vestindo outros individuos da família, ou mesmo da vizinhança, pois, a rica peça de indumentária pelo ar de gravidade e distinção que dava a quem a vestia, era cobiçada por todos. E o velho Cordeiro, bom de coração que era, não se negava em emprestá-la.

Por ocasião de casamentos, então, não havia noivo que não quizesse ir à igreja, unir-se pelos laços do himineu à escolhida do seu amor, enfarpelado na casaca do velho Cordeiro. E, para essas ocasiões, nunca o homem deixara de emprestá-la. Assim, era raro o casamento celebrado nas redondezas que o noivo não fosse metido na sobrecasaca.

Mas tudo que é demais, enche. E o velho Cordeiro também se cançou de tanto pedido de empréstimo. Resolveu, por isso, fazer uma operação na nobre sobrecasaca. Cortou-lhe uma parte triangular em cada uma das abas, transformando-a numa espécie de vestimenta sem qualificativo nos anais das modas masculinas, na suposição de que ninguém mais teria vontade de enfiar-se em tal vestimenta.

Enganou-se porém. Os pedidos de empréstimo continuaram e, dizem as crônicas, a casaca somente descansou quando desceu à sepultura vestindo o cadaver do saudoso velho Cordeiro.

---

○ primeiro médico e a primeira farmácia de Gaspar estabeleceram-se no vizinho município em 1910. Em janeiro dêsse ano, o sr. Saturnino Fernandes abriu uma farmácia na sede do, então, 2º. distrito de Blumenau. Êsse farmacêutico, durante muitos anos fôra auxiliar da Drogaria Central, de Florianópolis. O primeiro médico para lá também foi naquele mês e ano. Chamava-se Dr. Krappe.

# VÁRZEAS DE RIO DO SUL

*Alfredo E. Cardoso*

Assim como nos lugares onde hoje se encontram as cidades de Palhoça, Biguaçu, e outras do litoral, havia vasto mar, e a atual planície, que lá se encontra, é produto de colmatagem operada pelos rios e riachos, assim as planícies do Alto Vale do Itajaí, determinadas pela altura do salto dos Pilões, são terras aluvionais onde, há milênios, existiam lagos, pântanos, ilhas e onde o rio, motivado pela altura da repêsa natural, não possuía ainda leito definido.

O trabalho constante e silencioso dos rios carreando forçadamente das serras e elevações, por ano, centenas de milhares de toneladas de material de atêrro, deram origem ao vargado de Rio do Sul a Riachuelo, deixando no fundo troncos de madeira, nós de pinho, palmeiras, pedregulho, lôdo, etc., encontrados em diversos poços cavados nas planícies da cidade de Rio do Sul. A fundura, onde se encontram êsses restos vegetais, varia de dois a doze metros, distando do leito do rio alguns poços até mais de duzentos metros.

As ilhas, agora transfiguradas em colinas e outeiros, não têm a consistência das terras aluvionais dêste rio.

Conforme revelação dum poceiro, a sedimentação não é sempre homogênea pois, num poço por êle cavado nas proximidades do Salão Ferrari, 1,5 m era humo e sedimentação do rio, 4 m era barro firme vermelho (provavelmente de enxurradas ou desmoronamento da encosta próxima), 2 m — barro com pedregulho, 0,5 m — lôdo c/ galhos de pinheiro e alguns nós de pinho e, bem no fundo, 0,5 m era ardósia.

Há umas décadas existiam aqui na atual "Beira" duas ilhas chamadas Ilhas dos Bugres. A pequena, de uns 200 metros quadrados era dez vêzes menor que a grande, que ficava a seu lado. O volume d'água que passava entre a Beira e a ilha grande era aproximadamente o do Rio Trombudo. Dragada a pequena, cujo material foi aplicado para a macadamização das ruas de Rio do Sul, o rio tomou rumo diferente e a natureza, achando supérfluo o canal, entre Beira e a grande ilha, aterrou-o, desaparecendo assim as Ilhas dos Bugres do mapa de Rio do Sul.

O trabalho que o rio, há tantos milênios, vem fazendo, não terminou, pois as grandes cheias que cobrem, às vêzes, quase todos os baixios de nossa cidade, mesmo com menos resultados, é continuação dêsse trabalho de sedimentação. Além disso arrastam as águas consigo areia e pedregulho que não deixam de atuar sôbre todos os obstáculos no rio inclusive sôbre o granito do salto dos Pilões, afundando assim o leito e deixando cada vez mais no alto as nossas várzeas.

Podemos assim observar que a natureza também nos ajuda a tirar Rio do Sul do perigo das inundações mas, é claro, com aquela tremenda morosidade.

## ESTANTES DOS "CADERNOS"

"NOÇÕES DE HIGIENE, EDUCAÇÃO SANITÁRIA E PUERICULTURA"  
Dr. Afonso Rabe - Plano Nacional de Educação - Secretaria de Educação e Cultura - Imprensa Universitária - Florianópolis - 346 páginas - Formato 16 x 22,5 cm. — Durante os seus vinte anos de magistério no Colégio Normal D. Pedro II, de Blumenau, o ilustre médico e sanitarista, Afonso Rabe teve oportunidade de registrar e resumir as lições ministradas aos seus alunos. E o fez sempre de uma forma que estivesse à altura da compreensão de normalistas, leigos em medicina que, entretanto, para poderem, eficientemente, exercer as funções de mestres, para que estavam sendo formados, teriam que ter noções muito amplas, embora menos profundas, de higiene, de saúde pública e puericultura. Isso requeria, não só grandes conhecimentos e práticas dessas matérias como habilidade intelectual para apresentá-las com a simplicidade e a intuição necessárias à sua perfeita compreensão. Publicando os ensinamentos reunidos, o Dr. Rabe conseguiu fazer um trabalho verdadeiramente útil e meritório. Um trabalho que estava, realmente, fazendo falta, já porque há escassez de tratados sobre a matéria versada, já porque os que existem, geralmente, estão além da compreensão de estudantes de curso secundário, pela maneira acadêmica com que são expostos. O trabalho do Dr. Afonso Rabe é recomendável sob todos os aspectos. É tão completo quanto possível e redigido num estilo agradável que torna a matéria bem mais assimilável. Os nossos cumprimentos ao ilustre médico blumenauense que, com o seu livro, presta mais um assinalado serviço ao município, de que já foi dirigente e ao Estado de que é um ilustre filho.

"VIDA SEM RUMO" - Zedar Perfeito da Silva - 46 páginas - Formato 14,5 x 21 cm. - Florianópolis, 1969. — Tendo nos dado já vários e interessantes trabalhos históricos e literários, volta Zedar Perfeito da Silva a presentear-nos com um livro de contos muito agradáveis e que, mais uma vez, afirmam as excelentes qualidades intelectuais do conhecido e estimado conterrâneo. Cumprimentando-o, por mais êsse serviço que presta às letras catarinenses, almejamos a Zedar novos sucessos e que êle continue a proporcionar a Santa Catarina, novos frutos da sua brilhante inteligência.

No dia 27 de dezembro de 1910 realizou-se uma reunião no Paço Municipal de Lajes, para festejar-se uma nova vitória de Santa Catarina, na questão de Limites entre êste e o Estado do Paraná. Nessa ocasião, fazendo um dos vibrantes discursos, o dr. Nereu Ramos propôs que se nomeasse uma comissão que tósse se entender com as autoridades estaduais no sentido de ser dado o nome do Conselheiro Mafra à cidade do Rio Negro, à margem direita do rio dêsse nome. A comissão ficou constituída dos srs. Nereu Ramos, Tiago de Castro e Otacílio Costa.

A estação telegráfica de Rio do Sul foi criada em fevereiro de 1910. Seu primeiro encarregado foi o sr. Paulo Thomsen.

# ELETRO—AÇO ALTONA S/A.

Rua Coronel Vidal Ramos, 925 — Fone: 1338

Caixa Postal, 30 — Telegramas: ELAÇO

ITOUPAVA SÊCA — BLUMENAU

SANTA CATARINA

---

FUNDIÇÃO DE AÇO

LAMINAÇÃO

FÁBRICA DE MÁQUINAS

FÁBRICA DE FERRAMENTAS

FORJARIA

FUNDIÇÃO ELÉTRICA

FÁBRICA DE GAZES  
MEDICINAIS

**CREMER S.A.**

**Blumenau - Rua Iguassú, 291/362 - Santa Catarina**  
**Caixa Postal, 80 - Fone, 1332**

---

Gazes e Ataduras Mediciniais

Ataduras Gessadas

Algodão Hidrófilo

Fraldas para Bebês

Faixas Higiênicas para Senhoras

Artigos de primeira qualidade